

TOMÁS DE AQUINO E AS CIÊNCIAS INTERMEDIÁRIAS*

Carlos Artur R. Do Nascimento – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Resumo: Como diz Walter Roy Laird “o tratamento metodológico que as ciências intermediárias receberam do filósofo e teólogo do século treze, Tomás de Aquino, representa um ponto alto na tradição medieval”. Para mostrá-lo basta dizer que foi Tomás quem primeiro as designou com esta expressão, apresentando uma definição precisa deste tipo de disciplinas, reservando-lhes um lugar especial na classificação tripartida das ciências teóricas de origem aristotélica e caracterizando seu tipo de sujeito e de demonstração.

Palavras-chave: Tomás de Aquino, ciências intermediárias.

Abstract: As says Walter Roy Laird “the methodological treatment that intermediate sciences had received from the philosopher and theologian of century thirteen, Thomas Aquinas, represents a high point in the medieval tradition”. To show it is enough it to say that who was first Thomas assigned with this expression, presenting a necessary definition of this type of disciplines, reserving a special place to them in the triple classification of theoretical sciences of Aristotelian origin and characterizing its type of subject and demonstration

Keywords: Thomas Aquinas, intermediate sciences.

Como diz Walter Roy Laird “o tratamento metodológico que as ciências intermediárias receberam do filósofo e teólogo do século treze, Tomás de Aquino, representa um ponto alto na tradição medieval”¹. Para mostrá-lo basta dizer que foi Tomás quem primeiro as designou com esta expressão, apresentando uma definição precisa deste tipo de disciplinas, reservando-lhes um lugar especial na classificação tripartida das ciências teóricas de origem aristotélica e caracterizando seu tipo de sujeito e de demonstração.

Tomás de Aquino não desenvolveu um texto exclusivamente dedicado às ciências intermediárias. Ele trata das mesmas ao longo de sua carreira intelectual, desde suas obras de juventude como o *Escrito sobre os Livros das Sentenças* e o

* Texto originalmente editado na página pessoal do autor. Agradecemos ao Dr. Carlos Arthur pela autorização de sua publicação em *aquinate.net*.

¹ LAIRD, W.R. *The ‘Scientiae Mediae’ in Medieval Commentaries on Aristotle ‘Posterior Analytics’*. University of Toronto, Ph. D dissertation, 1983, p. 96.

Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio até as obras de maturidade como os comentários sobre a *Metafísica* e o *Segundos Analíticos* ao abordar outros tópicos². No entanto, quando se reúnem estas passagens, exibem elas uma concepção coerente e clara a respeito das ciências intermediárias.

Antes de Tomás de Aquino a expressão “ciência intermediária” ou alguma aparentada a esta foi utilizada por diversos estudiosos, mas, ao que tudo indica, Tomás é o primeiro a aplicar esta designação às disciplinas que Aristóteles chamava de “as mais naturais entre as disciplinas matemáticas”³.

Tomás define as ciências intermediárias como ciências que aplicam os princípios abstratos das ciências puramente matemáticas às coisas naturais (coisas materiais, matéria sensível)⁴. Tal definição permaneceu estável durante toda a carreira de Tomás de Aquino e se tornará uma definição padrão depois dele.

Não sendo nem puramente matemáticas (como a aritmética e a geometria) nem puramente naturais (como a física ou a agricultura) as ciências intermediárias têm um lugar próprio entre a matemática e a física distinguindo-se das simples partes destas ciências. Para mostrá-lo Tomás recorre a uma teoria do gênero e da espécie e à teoria da matéria e da forma. Quando se trata de uma parte de outra

² Cf. NASCIMENTO, C. A. R. do. *De Tomás de Aquino a Galileu*. Campinas: IFCH, Unicamp, 1998, 2ª ed., p. 16-19.

³ Relembremos, por exemplo, que Gundisalvus (Gundissalinus) chama a lógica de “scientia media” entre as “scientiae eloquentiae” (grammatica, poetica, retorica) e as “scientiae sapientiae” (philosophia teorica et practica). Cf. *De divisione philosophiae*. L. Baur (Ed.), Beiträge zur geschichte der philosophie des Mittelalters, Band IV, Heft 2-3, Munique, 1903, p. 81, lin. 7. Grosseteste, menciona um certo “artífice como que intermediário entre o físico e o que ensina a arte natural de demonstrar”, também designado como um “intermediário entre o lógico e o estudioso da natureza”, a quem caberia “adaptar a lógica (arte universal de demonstrar) às naturezas (matéria física) de modo que apropriadamente e sem erro a (ciência) natural seja regida pela lógica adaptada a ela”. Cf. DALES, Richard C. *Roberti Grosseteste, Episcopi Lincolnensis Commentarius in VIII Libros Physicorum Aristotelis*, Boulder (Colorado): University of Colorado Press, 1963, p. 37-38. Averrois, já falando da ótica (scientia de aspectibus), diz o seguinte: “A geometria considera sobre as extensões abstraídas da matéria; mas o estudioso da natureza considera sobre elas na medida em que estão na matéria. O estudioso das aparências, porém, considera sobre as linhas numa disposição intermediária entre estas duas considerações. Com efeito, não considera sobre a linha na medida em que é linha pura e simplesmente como o geômetra, nem na medida em que é linha ígnea ou aérea, como o estudioso da natureza, mas na medida em que é visual. Ora, este ser é como intermediário entre o natural e o matemático”. Cf. *Aristotelis De Physico Audito libri octo. Cum Averrois Cordubensis variis in eosdem commentariis*. Venetiis: Apud Juntas, 1562, p. 55 v IK.

⁴ Cf. *De Tomás de Aquino a Galileu*, p. 19-22.

ciência seu sujeito é uma espécie do sujeito da outra ciência. Por exemplo, a botânica ou a zoologia são simplesmente partes da ciência da natureza porque planta e animal são simples espécies do corpo natural. Do mesmo modo o estudo do triângulo isósceles é uma simples parte do estudo do triângulo e este da ciência da extensão (geometria), pois o triângulo isósceles é uma espécie de triângulo e este uma espécie de figura ou extensão plana. No entanto, no caso da ciência intermediária, seu gênero-sujeito acrescenta ao da matemática uma diferença extrínseca ao gênero sujeito desta, não constituindo uma espécie propriamente dita de tal gênero. É assim que o gênero-sujeito da música (a harmônica de Aristóteles) acrescenta ao número (gênero-sujeito da aritmética) a diferença sonora para constituir o gênero-sujeito número sonoro. O mesmo se dá em relação à perspectiva (a ótica); seu gênero-sujeito acrescenta à linha a diferença visual para constituir o gênero-sujeito linha visual. A relação entre o gênero sujeito da disciplina matemática e o da ciência intermediária pode ser formulada como a relação de uma forma quantitativa com a matéria sensível. Desta maneira Tomás garante a unidade dos sujeitos das ciências intermediárias que tendiam a constituir uma juxtaposição de partes de acordo com a idéia de condição acrescentada proposta por Grosseteste⁵. Pode-se dizer que Tomás de Aquino explicita uma observação de Aristóteles⁶ não suficientemente explorada por Grosseteste. A formulação em termos de forma quantitativa aplicada a uma matéria sensível como que inverte a formulação em termos de gênero e diferença em sentido estrito, pois nesta é o gênero que desempenha o papel material e a diferença o formal⁷.

Dada esta peculiar relação entre o sujeito da ciência puramente matemática e o da ciência intermediária dir-se-á que os dois não constituem um gênero puro e simplesmente, mas um gênero *secundum quid* (de certo modo) e que a ciência intermediária é subalternada à matemática que desempenha o papel de subalternante, para retomar o vocabulário de Grosseteste. Mas Tomás de Aquino evitará de falar de dupla subalternação, uma idéia já presente embrionariamente em Grosseteste e explícita em Duns Scot e sobretudo Guilherme de Ockham⁸.

⁵ Vide Ciência subalternante e subalternada no Comentário de Roberto Grosseteste aos Segundos Analíticos.

⁶ *Segundos Analíticos*, I, 13, 79a6.

⁷ Cf. *De Tomás de Aquino a Galileu*, p. 29-40.

⁸ Cf. Ciência subalternante e subalternada no Comentário de Roberto Grosseteste aos *Segundos Analíticos*.

Para Sto. Tomás isso acarreta consequências quanto ao tipo de demonstração das ciências puramente matemáticas e das ciências intermediárias. Este é um tópico sobre o qual Aristóteles tinha sido menos avaro, pois o aborda na segunda parte do cap. 13 do liv. 1º dos *Segundos Analíticos* (78b32-79a13). Ao comentá-lo, Tomás de Aquino, não só apresenta melhor as relações entre os sujeitos das ciências puramente matemáticas e das ciências intermediárias, do que o tinha feito no Comentário ao *Tratado da Trindade de Boécio*⁹, mas também expõe como a demonstração do por quê compete às matemáticas e a explicação de quê às ciências intermediárias¹⁰. Com esta distinção Tomás pretende que a demonstração das ciências intermediárias, subalternadas às disciplinas matemáticas puras apresenta pelo menos três características. a) Trata-se de demonstração subordinada a outra demonstração, uma vez que a ciência intermediária utiliza como premissa maior um teorema demonstrado pela ciência matemática pura e simples, que não lhe compete demonstrar. b) A demonstração da ciência intermediária tem de algum modo o caráter de uma descrição e não de uma explicação cabal. As ciências intermediárias diriam *como* algo se dá e não *por quê*. c) Finalmente este tipo de explicação está ligado à constatação, à experiência no sentido de observação¹¹.

Tomás de Aquino ainda faz outras considerações sobre o tipo de demonstração das ciências intermediárias. Insiste ele que, embora sejam “intermediárias” entre a matemática e a física, são mais matemáticas que físicas, por usarem meios matemáticos de demonstração¹². É esclarecedor a este respeito o modo do astrônomo demonstrar a esfericidade da Terra distinto do modo do físico fazê-lo: o primeiro usa termos médios matemáticos e o segundo termos médios naturais¹³.

Em conexão com o caráter antes matemático do que físico das ciências intermediárias está o grau de certeza de que estas são suscetíveis¹⁴. Tomás de Aquino trata da certeza relativa das ciências no seu Comentário aos *Segundos Analíticos* (Liv. I, cap. 41, n^{os} 1-5). Tal comparação pode ser feita de acordo com

⁹ De Tomás de Aquino a Galileu, p. 34-40.

¹⁰ De Tomás de Aquino a Galileu, p. 40-51.

¹¹ Cf. De Tomás de Aquino a Galileu, p. 43-46. Ver também Mc Kirahan Jr., R. D. Aristotle Subordinate Sciences, *British Journal for the History of Sciences*. 11, p. 197-220 e Laird, *Op. cit.*, p. 112-121, que exprimem pontos de vista não totalmente concordes com o aqui apresentado.

¹² De Tomás de Aquino a Galileu, p. 66-71.

¹³ De Tomás de Aquino a Galileu, p. 65-66.

¹⁴ De Tomás de Aquino a Galileu, p. 71-78.

dois critérios, sendo o segundo subdividido em outros dois. O primeiro critério é a anterioridade e maior certeza da causa sobre o efeito. Daí resulta que a ciência que explica o quê e o por quê é mais certa do que a que explica somente o quê. O segundo critério fundamenta-se na maior certeza da forma sobre a matéria, uma vez que é o princípio de conhecimento da matéria. Como é possível considerar a matéria sensível e a matéria inteligível¹⁵, podemos dizer que uma ciência é mais certa do que outra na medida em que se ocupa apenas da forma, deixando de lado o substrato da matéria sensível e também que uma ciência é mais certa do que outra na medida em que parte de menos determinações que outra que acrescenta outras determinações à esta ciência. Usando estes critérios pode-se dizer que as ciências intermediárias são menos certas que as disciplinas matemáticas puras (aritmética e geometria) que demonstram o por quê dos teoremas que servirão de princípios nas ciências intermediárias que lhes são subalternadas.

Neste sentido, as matemáticas puras lidam com as causas e as ciências intermediárias com os efeitos. Como elas aplicam as conclusões das matemáticas puras à matéria, não abstraem totalmente do substrato sensível, implicando isto que acrescentam algo aos sujeitos das disciplinas puramente matemáticas. São então menos certas do que estas por terem em conta o substrato sensível e pelo fato de seus sujeitos serem mais complexos que os sujeitos das matemáticas puras. Em relação à ciência da natureza é preciso distinguir quando se fala da demonstração de quê e quando se fala da demonstração do por quê. No que toca à demonstração de quê, a demonstração da ciência intermediária é mais certa do que a da física pelos mesmos critérios que é menos certa que a demonstração da matemática pura. No entanto, se compararmos a demonstração da ciência intermediária a uma demonstração do por quê, da ciência da natureza, aquela será menos certa do que esta, já que esta última seria fundamentada na essência da coisa natural.

É a este último caso que se refere a conhecida passagem da *Suma de teologia* (I^a, q. 32, a. 1, ad 2^m): “Ao segundo argumento deve dizer-se que aduz-se uma razão para alguma coisa de dois modos. De um modo, para provar suficientemente algum fundamento, assim como na ciência da natureza aduz-se uma razão suficiente para provar que o movimento do céu é sempre de velocidade uniforme. De outro modo, aduz-se uma razão, não que prove suficientemente o fundamento, mas que mostre que os efeitos consequentes

¹⁵ Cf. TOMÁS DE AQUINO, S. *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio, Questões 5 e 6*. São Paulo, Ed. Unesp, 1998, p. 32, nota 36.

concordam com o fundamento já estabelecido, assim como na astronomia estabelece-se a razão dos excêntricos e dos epiciclos pelo fato de que, estabelecido isto, podem ser salvas as aparências sensíveis acerca dos movimentos celestes. No entanto, esta razão não é suficientemente probante, porque, talvez estabelecido também algo diferente, poderiam ser salvas”¹⁶. Se tivermos em conta que não nos é possível dispor de definições essenciais a respeito das coisas materiais, a demonstração do porquê baseada na definição essencial seria uma espécie de limite ideal não atingível no presente estado da vida humana¹⁷.

Sto. Tomás cita poucas conclusões das ciências intermediárias. Ao que parece não recorre ao exemplo da lei de reflexão utilizado por Grosseteste, embora cite a lei numa explicação pessoal na *Expositio sobre o Livro I dos Meteorológicos, lição 4, nº 3*¹⁸. Várias vezes se refere à proposição “a Terra é esférica” que pode ser demonstrada por meios físicos ou astronômicos¹⁹. A música (harmônica) é citada como exemplo de ciência intermediária menos vezes que a astronomia, mas com frequência maior que a perspectiva (ótica)²⁰. O comentário à *Metafísica* (Liv. III, cap. 66, nº 396) cita explicitamente uma proposição de música que consta de alguns dos manuais da Faculdade de Artes (“o tom não se divide em dois semitons iguais”) e já se encontra no *De música* de Boécio²¹.

Sto. Tomás não foi um praticante das ciências intermediárias. Manifestou, porém, um interesse incontestável pelo tipo epistêmico que elas representam. É o que é testemunhado pelo seu cuidado em caracterizá-las, situá-las no conjunto do conhecimento humano e indicar seu modo de proceder. Este interesse não era gratuito. Estava ligado ao próprio trabalho de Tomás como professor da faculdade de teologia. É que ele viu no modelo epistêmico das ciências

¹⁶ Ver a respeito, NASCIMENTO, C. A. R. do. O descompromisso ontológico da ciência moderna e suas raízes medievais. *Veritas*, 44, p. 650-51, 1999.

¹⁷ Cf. NASCIMENTO, C. A. R. do. *Tomás de Aquino, Suma de Teologia, Primeira Parte, Questões 84-89*. Uberlândia: EDUFU, 2004, p. 34-37.

¹⁸ *De Tomás de Aquino a Galileu*, p. 54, nota 99.

¹⁹ *De Tomás de Aquino a Galileu*, p. 26, nota 37; p. 53, nota 96

²⁰ *De Tomás de Aquino a Galileu*, p. 25.

²¹ O texto do nº 396 da *Expositio* sobre a *Metafísica* pode ser encontrado em *De Tomás de Aquino a Galileu*, p. 80, n. 150. Quanto ao texto dos manuais e de Boécio, Cf. LAFLEUR, Claude. *Quatre introductions à la philosophie au XIIIe siècle*. Montréal: Institut d'Études Médiévales; Paris: Librairie J. Vrin, 1969, p. 205-207.

intermediárias uma via para atribuir ao que ele denomina a “sagrada doutrina” o caráter de ciência²².

Sem pretender retomar aqui uma discussão que vem desde os séculos XVI e XVII, para não dizer do final do XIII²³, indicamos o que nos parece ser a interpretação mais correta da expressão “sagrada doutrina” e recordamos de maneira muito breve a transposição para esta do esquema epistêmico das ciências intermediárias.

Como H. Donneau assinalou, só em data relativamente recente teria havido uma reviravolta na tradição interpretativa da primeira questão da *Suma de teologia* de Tomás de Aquino; reviravolta consistindo fundamentalmente em considerar a expressão “sagrada doutrina”, utilizada por Sto. Tomás, como designando o ensinamento cristão contido em primeiro lugar na Sagrada Escritura e não na teologia “no sentido moderno da palavra, isto é, a empresa humana e racional de entendimento da fé, a construção racional do dado revelado”²⁴. Assim, a primeira questão da *Suma de teologia* de Tomás não seria uma reflexão sobre a teologia como disciplina universitária, mas sobre a revelação cristã, sobre o conteúdo do ensinamento cristão. Donneau remete para os trabalhos largamente ignorados de James A. Weisheipl²⁵ e Albert Patfoort²⁶.

A primeira questão da *Suma de teologia* de Tomás de Aquino trataria então do conteúdo desta e não da sua maneira de proceder.

Como diz o prólogo da *Suma*, é preciso evitar três escolhos: a prolixidade (“multiplicação de questões, artigos e argumentos inúteis”), a assistemática (“o que é necessário que estes [os principiantes] saibam não ser tratado conforme a ordem da disciplina, mas segundo o exigia a exposição dos livros ou se apresentava a ocasião de disputar”) e a repetição excessiva que produz cansaço e confusão (“a frequente repetição do mesmo gerava nos ânimos dos ouvintes o tédio e a confusão”), bem como outras dificuldades semelhantes (“o que se lhe assemelha”)²⁷. Este mesmo prólogo indica o papel de Tomás: ele é um docente (*doctor*) que deve instruir os avançados e ensinar os principiantes (*profectos instruere, incipientes erudire, eruditio incipientium, novitios*), um transmissor (*tradere*), um expositor

²² De Tomás de Aquino a Galileu, p. 17, nota 11.

²³ Cf. DONNEAU, H. “Insésissable Sacra Doctrina? *Revue Thomiste*, 98, p. 181-182, 1998.

²⁴ DONNEAU, H. *Op. cit.*, p. 181.

²⁵ “The Meaning of Sacra Doctrina in *Summa Theologiae I, q, 1*” *The Thomist*. 38, p. 49-80, 1974.

²⁶ *Thomas d’Aquin – Les dés d’une théologie*. Paris: FAC-Éditions, 1983. Este pequeno livro retoma artigos anteriores do mesmo autor sobre o tema.

²⁷ WEISHEIPL, *Op. cit.*, p. 52-53.

(*prosequi; expositio*, no prólogo da q. 2). O que ele deve ensinar, transmitir ou expor e no que deve instruir é justamente a verdade católica (*veritas catholica*), o que cabe à religião cristã (*ea quae ad christianam religionem pertinent*), esta doutrina (ista doutrina), isto é, a sagrada doutrina (*sacra doctrina*), contida na Sagrada Escritura (*Scriptura sacra hujus doctrinae* – título do a. 10, q. 1). A Sagrada Doutrina é denominada “teologia” em sentido puramente etimológico (discurso sobre Deus). Neste sentido o argumento em sentido contrário de I^a, q. 1, a. 7 diz:

É sujeito da ciência, aquilo de que se fala na ciência. Ora, nesta ciência fala-se de Deus, pois é chamada de “teologia”, como “palavra sobre Deus”. Logo, Deus é o sujeito desta ciência.

Tal teologia se distingue da teologia filosófica:

A teologia que pertence à sagrada doutrina, difere de acordo com o gênero daquela teologia que é posta como parte da filosofia (I^a, q. 1, a. 1, ad 2^m. Cf. *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio*. q. I, a. 4).

A primeira questão da *Suma* é dedicada à apresentação desta doutrina sagrada como indica seu título: “De sacra doctrina, qualis sit et ad quae se extendat” – “Sobre a sagrada doutrina, como ela é e a que se estende”. Esta questão se desenvolve de acordo com um plano perfeitamente sistemático e que pode ser apresentado da seguinte maneira, de acordo com J. Weisheipl²⁸.

- 1) a necessidade desta doutrina ----- a. 1
- 2) O que é

{	genericamente	se é ciência ----- a. 2
		se é uma ou várias ----- a. 3
	especificamente	se é especulativa ou prática ----- a. 4
		comparação com as outras ciências ----- a. 5
		se é sabedoria ----- a. 6
		o que é o seu sujeito ----- a. 7
- 3) Como é

{	se é argumentativa ----- a. 8
	se deve usar expressões metafóricas ou simbólicas ----- a. 9
	se a Sagrada Escritura desta doutrina deve ser explicada de acordo com diversos sentidos ----- a. 10

Sto. Tomás teria sido o primeiro a adotar este tipo de plano, que aperfeiçoa inclusive o que aparece no prólogo de seu *Escrito sobre os Livros das Sentenças*²⁹. Antes de Tomás era costume adotar uma distribuição das perguntas ou questões, formuladas no começo dos artigos, de acordo com o esquema das quatro causas aristotélicas (matéria, forma, produtor e fim), como acontece com

²⁸ WEISHEIPL, *Op. cit.*, p.65.

²⁹ WEISHEIPL, *Op. cit.*, p. 64-67; DONNEAU, *Op. cit.*, p. 185.

Boaventura ou Kilwardby ou então fazer as perguntas costumeiras em ordem variável (*Suma halense*, Odo Rigaldi, Alberto Magno, Pedro de Tarantásia).

Nem tudo que está contido na primeira questão da *Suma* é original do próprio Tomás de Aquino. Este se valeu de alguns elementos que já tinham sido propostos por outros antes dele. Por exemplo, a comparação dos artigos de fé³⁰ com os princípios de uma ciência (“articuli fidei sunt principia fidei per se nota”) foi proposta por Guilherme de Auxene (+ 1231) na *Summa Aurea*³¹. A pergunta “Utrum theologia sit scientia” foi formulada pela primeira vez na *Suma halense* (1230-1245)³². A teoria da subalternação foi utilizada por Boaventura no seu *Comentário às Sentenças* (1250-1253)³³.

O artigo 2 da primeira questão da primeira parte da *Suma de teologia* de Tomás de Aquino pergunta “Se a doutrina sagrada é uma ciência”. Os dois primeiros argumentos levantam duas dificuldades para se responder afirmativamente. De fato, a ciência procede de princípios conhecidos por si mesmos (evidentes). Ora a sagrada doutrina procede dos artigos de fé que não são evidentes, pois não são admitidos por todos. Portanto, a sagrada doutrina não é ciência. A outra dificuldade é que a ciência não diz respeito aos singulares. Ora, a sagrada doutrina trata de singulares como, por exemplo, os feitos de Abraão, Isaac e Jacó e semelhantes. Logo, a sagrada doutrina não é ciência.

O argumento em sentido contrário recorre a uma citação do *Tratado da Trindade* (Liv. XIV, 7) de Sto. Agostinho: “A esta ciência atribui-se apenas aquilo pelo que a fé salubéssima é gerada, alimentada, defendida e fortalecida”. Ora, isto não pertence senão à sagrada doutrina. Logo a sagrada doutrina é ciência.

O corpo do artigo 2 não responde diretamente a pergunta se a sagrada doutrina é ciência, mas sim como ela é ciência. Uma vez afirmado que ela é ciência, distinguem-se dois gêneros de ciência: há algumas que procedem de princípios conhecidos pela luz natural do intelecto (exemplos – aritmética, geometria e semelhantes); outras procedem de princípios conhecidos pela luz de uma ciência superior (exemplos – a perspectiva ou ótica procede de princípios elucidados pela geometria e a música de princípios conhecidos pela aritmética). É desta segunda maneira que a sagrada doutrina é ciência, pois procede de princípios conhecidos pela luz de uma ciência superior, que é a ciência de Deus e

³⁰ Para a definição cf. II^oII^{ae}, q. 1, a. 6.

³¹ Cf. CHENU, M.-D. *La Théologie comme science au XIII^e siècle*. Paris: Vrin, 1969, 3^a ed., p. 59.

³² CHENU, *Op. cit.*, p. 37. Cf. SARANYANA, J.-I. *Historia de la filosofía medieval*, Pamplona, EUNSA, p. 204.

³³ CHENU, *Op. cit.*, p. 56, n. 22 e DONNEAU, *Op. cit.*, p. 206 e ss., especialmente p. 210-211.

dos bem-aventurados. Donde, assim como a música crê nos princípios que lhe são transmitidos pela aritmética, igualmente a doutrina sagrada crê nos princípios revelados a ela por Deus.

A resposta ao primeiro argumento aplica ao caso a solução apresentada no corpo do artigo: os princípios de qualquer ciência ou são conhecidos por si ou se reduzem ao conhecimento de uma ciência superior. Tais são os princípios da sagrada doutrina como se disse. A resposta ao segundo argumento procura esclarecer qual o papel dos singulares transmitidos na sagrada doutrina: são aí transmitidos não por quê se trata principalmente deles, mas são aí introduzidos, tanto como exemplos de vida, como nas ciências morais, quanto também para notificar a autoridade dos homens pelos quais a revelação divina estende-se até nós, sobre a qual está fundada a sagrada Escritura ou doutrina³⁴.

O texto deste artigo surpreende pela sua limpidez e simplicidade. Talvez Sto. Tomás não suspeitasse das acirradas discussões que ele provocaria, seja no que se refere ao entendimento da *sagrada doutrina* seja pelo que diz respeito à própria proposta de entendê-la como subalternada à ciência divina e dos bem-aventurados, à imagem das ciências intermediárias (ótica, música) subalternadas à matemática pura (geometria, aritmética). De todo modo, trata-se de uma transferência analógica, quer dizer, o caso da sagrada doutrina é radicalmente diferente dos demais, guardando com eles alguma referência³⁵. No caso da sagrada doutrina não é possível no presente estado de vida adquirir evidência dos artigos de fé (os princípios evidentes na ciência superior). Isto acarreta que a sagrada doutrina é uma ciência num estado precário por causa desta invidência dos princípios, insanável no presente estado, embora ela aspire por isso.

Guarda ela, no entanto, o caráter de ciência como conhecimento das conclusões enquanto decorrentes dos princípios e não destes como proposições independentes. Por outro lado, no caso da sagrada doutrina, o seu sujeito não acrescenta uma condição extrínseca ao sujeito da ciência divina ou dos bem-aventurados. Seu sujeito é Deus, o mesmo sujeito da ciência divina e da ciência dos bem-aventurados³⁶. O que varia é o modo de conhecer, sendo Deus idêntico ao seu conhecimento, tendo os bem-aventurados uma evidência participada da onisciência divina e os humanos no presente estado de vida crendo nos artigos de fé, invidentes para eles. O elemento presente nas ciências intermediárias que se

³⁴ Cf. WEISHEIPL, *Op. cit.*, p. 69-72.

³⁵ Entende-se aqui o predicado analógico como um equívoco regulado (*aequivorum a consilio*).

³⁶ Cf. *Suma de teologia*, I^a, q. 1, a. 7.



encontra transferido para a sagrada doutrina é a recepção dos princípios de uma ciência superior³⁷.

De todo modo foi esse interesse explicitamente teológico que teria levado Tomás de Aquino a se debruçar sobre as ciências intermediárias.

³⁷ Cf. *De Tomás de Aquino a Galileu*, p. 60-63; p. 38, n 64 e CHENU, *Op. cit.*, p. 82.